

3

Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF)

Neste capítulo, apresento os fundamentos da primeira teoria lingüística para investigação de dados que uso nesta pesquisa: a LSF. É necessário fazer evidente aqui o motivo pelo qual essa teoria traz o aporte adequado para a investigação dos dados. No capítulo 2, evidencio a forte influência do movimento sócio-construtivista em EAD, mostrando a importância do aspecto social para EAD. Conseqüentemente, escolho um embasamento teórico sobre a linguagem que dá igual importância ao aspecto social, ou seja, que vê a linguagem como resultado de interação social – presencial ou à distância. Começo, então, o capítulo 3 com uma apresentação das origens da LSF, passo a uma caracterização da LSF, segundo Halliday, onde fica cada vez mais clara a minha escolha por esta teoria lingüística como base da investigação de dados. Finalmente, encerro o capítulo discutindo em detalhes a metafunção interpessoal da LSF, que se relaciona à interação social, isto é, uma das duas grandes áreas de investigação nesta pesquisa.

3.1

Origens da LSF

Não se poderia falar em LSF, sem reconhecer de imediato as influências de pensadores como Firth, Whorf e Malinowski. Entretanto, foi, sem dúvida, Michael Halliday, por volta dos anos 60, quem desenvolveu esta teoria a partir dos ensinamentos de seu mestre - Firth. A LSF é uma teoria de linguagem centrada na

noção de ‘funções’ ao invés de uma abordagem mais tradicional centrada em ‘forma’, ou seja, a LSF não acredita que ‘forma’ exista antes ou independente de ‘significado’. Na realidade, a gramática na LSF é vista como um sistema de opções à disposição do falante/escritor, que faz diferentes escolhas lingüísticas visando atingir diferentes significados, levando em consideração contextos sócio-culturais variados. A partir do contexto sócio-cultural, então, esta teoria analisa como a linguagem constrói e é construída pelo contexto.

É importante mencionar que se buscam no estruturalismo as raízes da LSF. O estruturalismo foi um importante movimento do início do século XX e trouxe grandes descobertas no campo da lingüística. Não se tratava de uma abordagem lingüística, mas sim de um ponto de vista científico (Halliday, 1992) abrangendo todos os campos do conhecimento humano. Na lingüística, esse movimento caracterizou-se por uma abordagem de estudo de língua que privilegiava a concepção dos traços lingüísticos como estruturas e sistemas, isto é, um conjunto formado por diversas partes relacionadas entre si. O movimento seguiu duas grandes vertentes principalmente em função da diferença na metodologia de estudo adotada, a saber: estruturalismo europeu (método dedutivo) e estruturalismo americano (método indutivo). Tais vertentes, não obstante, compartilhavam muitas características básicas, como, por exemplo, a noção de cada língua como um sistema único com características próprias, a qual se relaciona à dificuldade em comparar os sistemas estruturais de línguas distintas (Weedwood, 2002: 129).

Seguindo o método dedutivo, o estruturalismo europeu tinha como ponto de partida a ‘forma’, ou seja, privilegiava a visão de linguagem enquanto um sistema anterior a qualquer enunciado produzido por indivíduos. O estruturalismo europeu foi dividido em várias correntes, a saber: Escola de Praga, representada, por exemplo, pelo pensamento de Trubetzkoy (1890-1938) e Jakobson (1896-1982); a Escola de Copenhague, representada por Hjelmslev (1899-1965) e a Escola de Londres, representada por Firth (1890-1960). Contudo, o estruturalismo europeu teve como principal representante o lingüista francês Ferdinand Saussure (1857-1913).

Ao contrário dos estruturalistas europeus, a corrente americana privilegiava a ‘substância’ e não a ‘forma’ como ponto de partida de seus estudos. Assim sendo, seguindo um método indutivo, partiam da análise de exemplos individuais para tentar chegar a um todo. Levavam em conta, portanto, exemplos de enunciados reais produzidos por indivíduos, ao invés de se concentrarem no sistema lingüístico como um todo. Esta corrente tinha um caráter extremamente descritivo com influência antropológica que foi evidenciada pelo grande interesse nos estudos das diversas línguas indígenas americanas. Como alguns dos grandes nomes do estruturalismo americano pode-se citar Franz Boas (1858-1942), Leonard Bloomfield (1887-1949) e Edward Sapir (1884-1039).

Não se pode negar a importância do pensamento de Saussure (estruturalismo europeu) para a concepção da LSF. Saussure foi efetivamente o primeiro lingüista a defender a concepção de linguagem como um fenômeno social, só podendo ser compreendida a partir do entendimento de seu papel fundamental dentro de cada sociedade, e não a partir de uma visão histórico-comparativa como defendiam outros pensadores como Boas, por exemplo. Assim sendo, Saussure compreendia a lingüística como parte de uma ciência mais abrangente socialmente – a semiologia. Duas outras ciências foram de grande importância para o desenvolvimento do pensamento saussuriano, a saber: a psicologia e a sociologia. Saussure seguiu a vertente mentalista da psicologia e esta escolha “*se reflete no fato de ele buscar explicar os fatos da linguagem por meio de fatos do pensamento*” (Pimenta-Bueno, 2004: 124). Também é possível identificar a influência da Gestalt no pensamento saussuriano em relação à concepção de sistema, onde se vê o ‘todo’ não como uma simples justaposição de partes, mas com grande ênfase na inter-relação entre as partes, de tal forma que uma alteração em uma delas determinaria um novo ‘todo’ distinto do anterior.

A partir da noção de sistema (retirada da Gestalt), surge, então, uma das características básicas da LSF, isto é, considerar a linguagem como sistema. Halliday, então, defende a idéia de sistema lingüístico enquanto um sistema de significados em potencial a serem realizados por determinadas formas escolhidas pelo falante/escritor. Talvez a palavra-chave para se entender esta teoria seja ‘multi-dimensionalidade’, já

que se baseia em quatro dimensões que se inter-relacionam, a saber: contextual, semântica, léxico-gramatical e fono-grafológica (Halliday, 1994). O mesmo autor demonstra que o importante não é a forma, mas sim o significado atingido através da forma. Portanto, a forma é vista como um meio para se chegar ao fim (significado) e não como um fim nela mesma. De fato, esta visão se reflete na concepção de gramática que evolui a partir das necessidades dos falantes de uma sociedade.

Beaugrande (2002) chama atenção para o fato de que *“a dicotomia de ‘sistema’ e ‘uso’ pode ser reinterpretada como a dialética entre aspectos da linguagem em ‘potencial’ ou ‘virtuais’ (o que se pode fazer com ela) e os aspectos ‘reais’ ou ‘realizados’ (o que é realmente feito por meio do discurso)”*. Grandes lingüistas dividiam suas opiniões sobre a teoria lingüística em relação a esta dicotomia. Saussure e Chomsky, por exemplo, seguiam o conceito de língua enquanto ‘potencial’ representado pelas noções de ‘langue’ e ‘competência’ respectivamente. Outros lingüistas como Hjelmselv, Firth e Halliday valorizavam os aspectos ‘realizados’ da língua (aquilo que é feito pelo uso do discurso): característica fundamental da LSF.

Os lingüistas que defendem uma visão sistêmico-funcional da linguagem explicam sua organização somente a partir do uso. Cabe citar as palavras de Thompson (1996, 221), um defensor do pensamento de Halliday, para resumir a teoria da LSF.

The overall approach is summed up by Halliday’s description of language as a system of **‘meaning potential’**, which is only realised in use. This focus means that ‘rules’ in Functional Grammar are expressed as sets of possible options, as systems of **choices**. In a context, there are a number of meanings that speakers might express, and a number of wordings that they might use to express them.¹⁹

O sistema lingüístico encerra um leque de possibilidades a partir de outros sistemas de base contextual, semântico, léxico-gramatical e fono-grafológico. Cada instanciação deste sistema dependerá das escolhas feitas pelo falante/escritor.

¹⁹ A abordagem como um todo pode ser resumida pela descrição hallidiana de linguagem como um sistema de significado em potencial, que pode ser realizado somente pelo uso da língua. Esta visão define as regras da Gramática Funcional como grupos de possíveis opções, ou seja, como um sistema de escolhas. De acordo com o contexto, os falantes podem fazer uso de um leque de opções de significados, assim como uma variedade de formas para expressar estes significados.

A LSF não se restringe ao nível de palavras ou sentenças ou, até mesmo, texto. Na realidade ‘texto’ na LSF é visto como produto de uma instanciação do sistema lingüístico, isto é, a configuração textual de cada instanciação do sistema representa escolhas lingüísticas feitas pelo falante/escritor, conscientemente ou não, para cada uma das quatro dimensões mencionadas acima, a saber: contextual, semântica, léxico-gramatical e fono-grafológica. Busco nas palavras de Halliday (1992:73) a explicação para a diferença entre ‘sistema’ e ‘instanciação’: as instanciações constituem o sistema e o sistema define o potencial de instanciações. Por exemplo, pode-se usar a analogia de ‘hora’ e ‘tempo’ para explicar a relação entre ‘texto’ e ‘sistema’: a hora só se torna significativa como uma instanciação do sistema temporal. Ainda nas palavras de Halliday (1998):

Instantiation is a key concept in systemic linguistics. Any actual text (an 'instance' of language) is an instantiation of the language system (the 'lexicogrammar'). What this means is that the system does not exist independently of use (although people often talk as though the grammar of the language were a set of 'external' fixed rules). Each time someone uses language, they are both activating the system (or rather, part of it) and, to an infinitesimal degree, changing it.²⁰

Em outras palavras, o sistema encapsula as possibilidades de uso e o uso determina o sistema, visto que proporciona mudanças nele. Trata-se de um sistema dinâmico e, portanto, não se pode pensar em gramática como um conjunto de regras estanques.

Na realidade, a análise do discurso precisa ir além das fronteiras físicas do texto chegando ao seu contexto. Essa noção é bem observada por Hasan (1999:224) ao defender a necessidade de se descrever a linguagem humana em seu contexto:

... to describe the nature of human language we need to place it in its social environment; that this environment – call it context – must be taken as an integral part of linguistic theory.²¹

²⁰ Instanciação é um conceito chave em LSF. Qualquer texto real (uma instanciação da língua) é uma instanciação do sistema lingüístico (léxico gramatical). Isto demonstra que o sistema não existe independentemente do uso (apesar do fato de pessoas falarem de gramática como um conjunto de regras estanques.) Cada vez que alguém usa a língua, esta pessoa ativa o sistema (ou melhor, parte dele) e, de certa forma, mesmo que em pequeno grau, muda o sistema..

²¹ ... para descrever a natureza da linguagem humana é preciso colocá-la no seu ambiente social; este ambiente – chamado de contexto – precisa ser considerado como uma parte integrante da teoria lingüística.

Pode-se buscar a origem do conceito de contexto em Malinowski, fundador de um campo da antropologia social conhecido como Funcionalismo, cujo princípio básico era que todos os componentes de uma sociedade se inter-relacionam para assegurar a manutenção de um sistema harmonioso. Ele abandonou a posição de antropólogo teorizador, aquele que se mantém afastado do objeto de estudo, por uma posição de pesquisador etnográfico, desenvolvendo pesquisa de campo em diversos lugares como Austrália, Nova Guiné e nas Ilhas Trobrianas. Ele acreditava que o pesquisador de um grupo de pessoas deveria observar a língua e os costumes sócio-culturais locais, que são os princípios básicos da etnografia. Mais ainda, ele enfatizava a necessidade de estudar uma comunidade através da perspectiva de seus membros.

Igualmente, as descobertas de Whorf no campo da lingüística e antropologia foram de inestimável valor para o funcionalismo, e, por consequência, para a LSF. Apesar de Whorf não gostar do título a ela atribuída, a famosa ‘Hipótese de Whorf’ traz à tona o princípio da relatividade lingüística pelo qual se defende a idéia de que a língua que um povo fala influencia o modo como este concebe a realidade, ou seja, sua visão de mundo. Segundo o mesmo autor, então, a língua não tem um papel passivo diante da realidade, apenas refletindo-a; ao contrário, ela contribui ativamente para a criação da realidade, dando significado às experiências e interações humanas. Carrol (1962: 134) resume bem o pensamento de Whorf ao citar as palavras de seu tutor Edward Sapir:

Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression of their society. [...] The fact that matters is that the ‘real world’ is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group. [...] We see and hear and otherwise experience very largely as we do because the language habits of our community predispose certain choices of interpretation.²²

²² Seres humanos não vivem isoladamente no mundo real, nem no mundo da atividade social, mas são influenciados pela língua que se tornou o meio de expressão em suas sociedades. [...] O que importa é que o mundo real é, em grande parte, construído inconscientemente em função dos hábitos lingüísticos dos grupos sociais em questão [...] Nós vemos, e ouvimos e, portanto, vivemos de uma certa maneira, em função dos hábitos lingüísticos que implicam certa predisposição de escolhas.

Desta forma, a língua passa a ser considerada um agente determinante do pensamento (determinismo lingüístico), embora cada língua fosse vista como possuindo sua própria estrutura e significados (relativismo lingüístico). Vale salientar que há diferentes interpretações do pensamento Whorfiano. Por exemplo, uma interpretação mais radical do relativismo lingüístico poderia até inviabilizar o conceito de bilinguismo ou, até mesmo, a possibilidade de tradução de língua para língua.

Observa-se que o pensamento de Whorf em sua interpretação mais moderada influenciou o conceito orientador de língua e gramática defendido pela teoria da LSF, de acordo com seu criador (Halliday, 1992: 65). Halliday não vê a realidade como algo pré-fabricado, esperando o uso da língua para descrevê-la. Ele, então, se afasta da idéia gerativista de universais lingüísticos e abraça conceitos do relativismo lingüístico, já que ele acredita que a língua é, ao mesmo tempo, parte da realidade, formadora da realidade e uma metáfora para a realidade nos diferentes contextos sócio-culturais. A gramática, então, representa o potencial de significação da língua e evolui com a mesma. Como consequência, o mesmo autor aponta para o poder da linguagem em moldar a consciência humana, visto que ela permite ao homem interpretar e manipular seu meio ambiente – seu contexto sócio-cultural.

Ainda apontando alguns dos pensadores e movimentos que influenciaram o surgimento da LSF, pode-se dizer que a pragmática teve grande importância. A perspectiva pragmática de linguagem, que surgiu na segunda metade do século XX, privilegia o estudo dos fenômenos relacionados ao uso da língua e não à sua forma.

Language users actively engage in text and talk not only as speakers, writers, listeners or readers, but also as members of social categories, groups, professions, organizations, communities, societies or cultures. (van Dijk, 1997: 3) ²³

De forma bem clara, o autor observa a perspectiva pragmática de linguagem, que entende o discurso como ‘construído por’ e ‘construidor de’ práticas sociais. Em outras palavras, essa perspectiva leva em conta que as diversas práticas discursivas são sempre, ao mesmo tempo, sociais, culturais e históricas. Parece lógico, portanto,

²³ Usuários de uma língua não se envolvem ativamente em um texto ou conversa somente como falantes, escritores ou leitores, mas também como membros de classes sociais, grupos, profissões, organizações, comunidades, sociedades ou culturas.

que se passasse a estudar a língua realmente falada e não uma língua ideal descrita pelas regras gramaticais: os aspectos ‘realizados’ da língua. Reconheceram-se finalmente, então, as regras sociais que influenciam o que realmente se fala/escreve. Tais regras variam de cultura para cultura e de acordo com o momento histórico vivido.

Graças a esta abordagem pragmática, a língua deixa de ser vista como uma ‘*metáfora do canal*’ (Ready, 1979). Percebe-se, então, que não se pode simplesmente ‘decodificar’ o significado de um enunciado; ao contrário este depende tanto do falante/escritor, como da interpretação por parte do ouvinte/leitor, sem esquecer o papel fundamental dos contextos em que é produzido e consumido. Lowe (2004: 18) faz uma contribuição interessante ao relacionar a teoria de Grice (1975) com a noção de ‘jogos de linguagem’ de Wittgenstein quando afirma que “*só se pode comunicar de forma eficaz se ambos os lados envolvidos decidirem participar do jogo*”. Ele também coloca que a regra básica do ‘jogo’ é a cooperação entre os ‘jogadores’. Sem dúvida, Silveira e Feltes (2002: 21-35) não exageram ao afirmar que:

existe um hiato entre a construção lingüística do enunciado pelo falante e a sua compreensão pelo ouvinte. Esse hiato no processo interpretativo deveria ser preenchido não mais por decodificação e sim por inferências.

Na realidade, essas inferências dependem de informação contextual compartilhada pelos participantes do discurso. Vale ressaltar que o termo ‘contexto’ pode se referir ao processo comunicativo em desenvolvimento ou a um discurso anterior ou ainda ao conhecimento de mundo de cada participante. Os mesmos autores (ibid, 2002: 64) resumem esta perspectiva quando afirmam que “*a estrutura lingüística da sentença apenas subdetermina o que é comunicado [...] uma vez que a tarefa do ouvinte-leitor é interpretar a intenção do falante-autor através de estratégias inferenciais durante o processo de compreensão verbal.*”

Alguns nomes podem ser citados como grandes figuras na abordagem pragmática da lingüística. Austin (1999), por exemplo, contribui muito ao chamar atenção para o fato de usarmos a língua efetivamente para fazer coisas. Ele abandona a visão de língua como apenas representacional da realidade em relatos falsos ou verdadeiros. Ao contrário, ele lança a sua teoria de ‘atos de fala’ onde defende a idéia

de que os enunciados visam atingir um objetivo. Nomeia certos verbos como performativos, isto é, verbos que, uma vez tendo suas condições de realização ('condições de felicidade') cumpridas, trazem em si o poder de não só dizer alguma coisa, mas 'fazer alguma coisa'. Por exemplo, o enunciado '*Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*' não somente diz alguma coisa como faz algo, ou seja, transforma uma pessoa pagã em cristã.

Searle (1976) expande os conceitos de Austin ao propor atos de fala indiretos e a teoria de inferência, pela qual o ouvinte consegue inferir, por exemplo, a força ilocucionária de um ato. Apesar de concluir que há um número infinito de atos de fala, Searle categoriza-os em 5 grandes grupos: assertivos (descrever o mundo), diretivos (levar alguém a fazer algo), comissivos (comprometer-se a fazer algo), expressivos (expressar sentimentos e atitudes) e declarativos (produzir mudanças pelo enunciado). Contudo, assim como Austin, Searle continuou supondo que o ouvinte/leitor seria sempre capaz de resgatar aquela intenção única do falante/escritor, não levando em consideração a influência de aspectos contextuais e interpretativos da parte do interlocutor, de certa forma, reforçando, de certa forma, a abordagem lingüística representada pela metáfora do canal mencionada anteriormente.

Outro grande nome na pragmática foi Grice (1975) que define o ato de comunicação como regido pelo '*Princípio da Cooperação*' baseado na crença de que há um acordo tácito de cooperação entre os participantes do discurso seguindo quatro leis fundamentais: '*quantidade*', '*qualidade*', '*relação*' e '*maneira*'. Pela primeira, o falante/escritor deve fornecer tanta informação quanto for necessário à situação em questão – nem mais nem menos. Pela segunda, o falante/escritor não deve falar o que acredita ser falso ou quando não puder suprir evidências. Pela terceira, o falante/escritor assume o compromisso de ser sempre relevante. Finalmente, pela quarta, o falante/escritor procura evitar ambiguidades, ser breve e ordenado em seu discurso.

Sem dúvida, como observado por Silveira e Feltes (2002: 21-35), acredita-se que a grande contribuição de Grice seja a constatação de que "*um mesmo enunciado*

pode ser diferentemente interpretado quando variam as situações comunicativas em que este se inscreve". Conseqüentemente, entende-se que a interpretação de um enunciado depende das pistas contextuais a serem identificadas e do conhecimento contextual por parte dos participantes.

Vale colocar aqui que, em resposta a diversas críticas ao pensamento de Grice como sendo de aplicação específica na cultura onde foi concebida, Grice (1989) chama a atenção para fatores importantes que influenciam o processo de inferência proposto por ele, a saber: o significado convencional das palavras; o princípio cooperativo e suas máximas; o contexto da elocução (lingüístico e pára-lingüístico); conhecimento de mundo dos participantes; e o fato de ambos participantes da conversa disporem de todos os fatores acima apontados e de estarem conscientes disso.

Ao se aceitar a noção de indiretividade mencionada acima, parece lógica a necessidade de se reconhecer que a linguagem proporciona formas variadas para o falante/escritor atingir seu propósito comunicativo. O interessante é pensar nas possíveis motivações por trás das escolhas lingüísticas dos falantes/escritores. Tendo isso em mente, pode-se citar o trabalho de outros dois grandes nomes no campo da pragmática - Brown e Levinson (1987) - que desenvolveram toda uma teoria de polidez capaz de explicar as motivações sociais que levam à escolha pela indiretividade lingüística e suas implicações sociais (Blum-Kulka, 1997: 50).

Essa teoria da polidez demonstra com segurança a noção de que a comunicação depende de dois aspectos fundamentais, a saber: o uso da linguagem para fazer alguma coisa e o lado interacional da linguagem, onde os participantes procuram sempre gerenciar o conceito de 'face' apontado por Goffman (1980). Kasper (1990: 205) resume bem a visão de linguagem por este prisma:

Transactional discourse types focus on the optimally efficient transmission of information ... Conversational behaviour that is consistent with the requirements of transactional discourse will thus be characterized by close observance of the Cooperative Principle [Grice, 1975]. Interactional discourse, by contrast, has as its primary goal the establishment and maintenance of social relationships. In interactional discourse, therefore, the Cooperative Principle is regularly overridden by the Politeness Principle [Leech, 1983] in order to ensure that participants' face wants are taken care of.

3.2 Conceituação

Para a LSF, torna-se clara a importância de se levar em consideração o contexto sócio-cultural para o estudo lingüístico. Hasan (1999: 224) afirma que as escolhas lingüísticas são determinadas socialmente pelo contexto, que pode ser entendido como:

... a higher-level semiotic system in which language is 'embedded' [...] It is realized through language; and being realized through language it means that it both creates and is created by language.²⁴ (Matthiessen e Halliday, 1997)

De fato, para a LSF, contexto é fundamental. Segundo a LSF, cada texto tem seu 'contexto de situação' determinado por três parâmetros, ou seja, 'campo', 'relações' e 'modo'. Entende-se como 'campo' o objetivo comunicativo do texto associado à representação de mundo.

Technically speaking a field is a set of activity sequences that are oriented to some global institutional purpose. (Martin e White, 2005: 27)²⁵

Já como 'relações', entende-se o relacionamento entre os participantes do discurso, isto é, levam-se em conta aspectos como grau de formalidade, relações de poder, emoção, grau de aproximação entre participantes, etc. Finalmente, o 'modo' representa o canal de comunicação utilizado. Da mesma forma todos os textos, ou melhor, a linguagem, como um todo, está inserida em um 'contexto de cultura'. Lemke (1995: 88) mostra que o significado de um texto depende não somente das escolhas ao nível léxico-gramatical ou do contexto de situação, mas de sua intertextualidade. O significado de um texto depende das relações que os membros daquela comunidade vão fazer entre este texto e os outros textos de seu conhecimento dentro de sua cultura, isto é, o contexto de cultura.

Quando se pensa em LSF, três aspectos são fundamentais: representação de mundo; a interação social; e a organização da mensagem. Em outras palavras, a linguagem é usada para falar sobre o que acontece no mundo, assim como todo uso

²⁴ ... um sistema semiótico altamente complexo do qual a linguagem faz parte [...] É realizado através da linguagem, e por ser realizado através da linguagem, isso quer dizer que, ao mesmo tempo, cria e é criado pela linguagem.

²⁵ Tecnicamente falando, campo é um conjunto de seqüência de ações que são voltadas para algum tipo de objetivo institucional.

da linguagem implica uma forma de interação social. Da mesma forma, toda mensagem precisa seguir uma organização textual que permita seu entendimento dentro do meio social onde foi produzida e, para tal, precisa seguir algumas convenções (no campo fonológico ou grafológico). Estes três parâmetros podem ser identificados, em relação ao contexto de situação respectivamente como: ‘campo’, ‘relações’ e ‘modo’, como visto anteriormente. Já quanto ao nível semântico, os mesmos parâmetros podem ser evidenciados respectivamente como significados ‘ideacional’, ‘interpessoal’ e ‘textual’. Finalmente, ao nível lexicogramatical, eles podem ser identificados como: ‘Transitividade’, ‘Modo’ e ‘Tema-Rema’.

Esses três últimos constituem os sistemas que são a base da análise lingüística da LSF a nível lexicogramatical. O primeiro – Transitividade – caracteriza-se pelos traços lingüísticos responsáveis pela representação de mundo e de experiências de cada sociedade. O segundo sistema – Modo – mostra as interações sociais localizadas no tempo e no espaço. Finalmente o terceiro sistema – Tema-Rema – mostra a lógica organizacional envolvida na produção de mensagens. É importante salientar que a separação desses sistemas é útil na investigação do fenômeno lingüístico, no entanto, os mesmos não podem ser concebidos como aspectos isolados na linguagem.

Essa concepção de inter-dependência fica clara ao se retornar à idéia de ‘sistema’ mencionada anteriormente, onde se enfatiza a inter-relação entre as partes. Igualmente, torna-se claro como, na LSF, procura-se visualizar o sistema lingüístico como a inter-relação de diferentes dimensões, a saber: contextual, semântico e léxico-gramatical. De fato, Halliday e Hasan (1989: 23) observam que cada enunciado é, portanto, multi-funcional e deve ser visto por ângulos diferentes.

Every sentence in a text is multifunctional [...] we do not look separately at its different parts; rather we look at the whole thing simultaneously from a number of different angles, each perspective contributing towards the total interpretation. That is the essential nature of a functional approach.²⁶

Portanto, a LSF acredita que a razão primordial para a comunicação seja a interação social, visando diferentes funções sociais realizadas através da linguagem.

²⁶ Todo enunciado em um texto é multi-funcional [...] nós não olhamos separadamente para suas diferentes partes; ao contrário, olhamos para a coisa como um todo de diferentes ângulos, cada perspectiva contribuindo para a interpretação total. Esta é a essência da abordagem funcional.

Entende-se que o significado do enunciado tem três facetas, a saber: ideacional, interpessoal e textual (Halliday e Hasan, 1989: 18).

O significado ideacional de um enunciado segundo Martin e White (2005: 7) é o conteúdo do mesmo, ou seja, relaciona-se à representação de mundo, isto é, o acontecimento, os participantes e as circunstâncias.

Ideational resources are concerned with construing experience: what's going on, including who is doing what to whom, where, when, why and how and the logical relation of one going-on to another. (Martin e White, 2005: 7) ²⁷

Já o significado interpessoal está relacionado à interação entre quem fala ou escreve com quem escuta ou lê e todos os fatores que influenciam esta interação. Por exemplo, quem os participantes são, sua função social, a relação de poder entre eles, etc. Vale ressaltar aqui que a LSF sempre leva em consideração o conceito bakhtiniano de alteridade (1988), isto é, a existência da figura do outro - aquele a quem a mensagem se destina. Finalmente, o significado organizacional refere-se à maneira como os dois primeiros significados são encapsulados como mensagem, ou seja, a organização textual da mensagem.

Cabe ressaltar aqui que sistema lingüístico é um conceito abstrato. Para a análise, são as instanciações do sistema lingüístico que são levadas em conta, isto é, os exemplos reais da língua e não a potencialidade do sistema. Para entender melhor o processo de instanciação, é preciso lembrar que a LSF leva em consideração tanto fatores lingüísticos como extra-lingüísticos em sua concepção de linguagem. Assim, as instanciações do sistema representam as escolhas lingüísticas tendo em vista todas estas dimensões representadas fono-grafologicamente no produto final.

Butt et al (2000, 14-15) colocam bem este conceito quando defendem que a linguagem é dividida em níveis, e cada um deles vai tomando forma por meio de um outro nível até tomar a forma final quando chega ao nível grafo-fonológico. Os autores apontam três níveis neste processo: extra-lingüístico, de conteúdo e de expressão. O nível extra-lingüístico (contextos de situação e cultura) toma forma de conteúdo da língua (sistema semântico e léxico-gramatical) e esse conteúdo é

²⁷ Os recursos ideacionais estão relacionados à construção da experiência, isto é, o que está acontecendo, inclusive quem está fazendo o quê, para quem, onde, quando, por que e como, assim como a relação entre um acontecimento e outro.

expresso através das escolhas nos sistemas fonológico e grafológico. A Figura 3.1 demonstra a visão multidimensional do sistema lingüístico e suas instanciações representadas pelas setas.

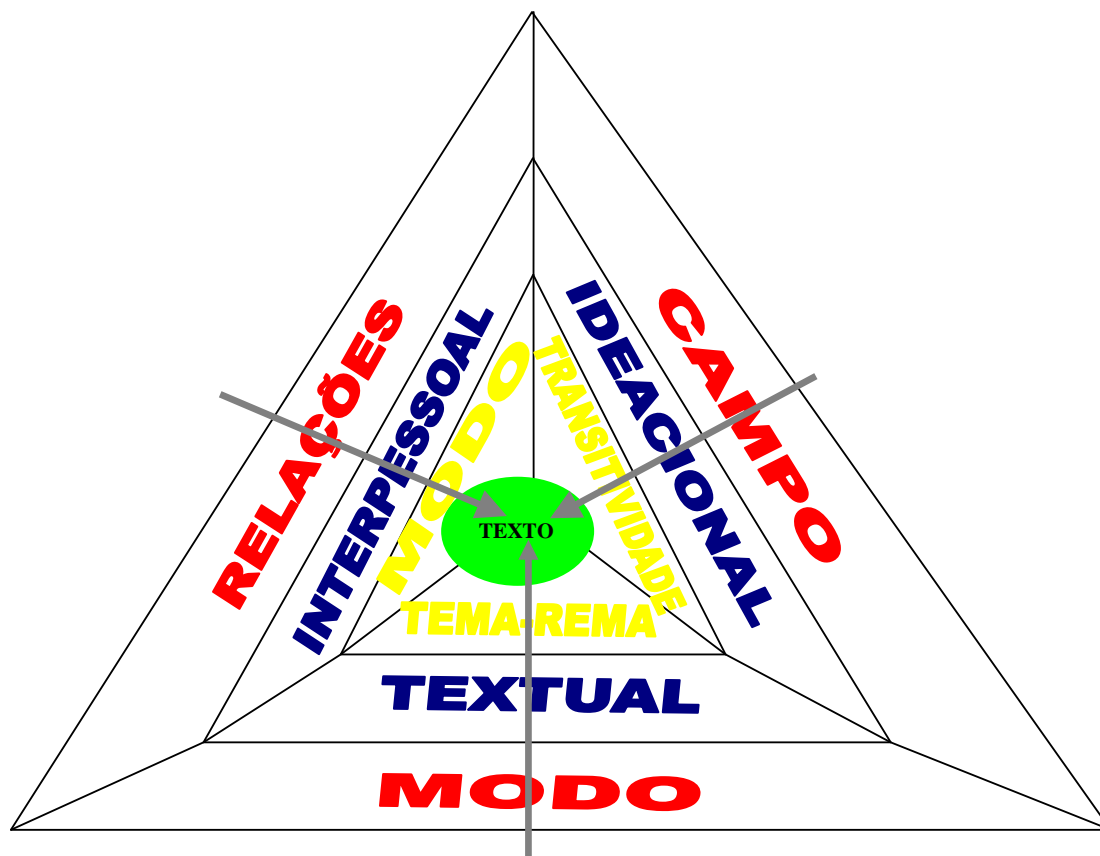


Figura 3.1 - Visão multidimensional da linguagem segundo a LSF

Legenda de cores:

- vermelho** = nível contextual
- azul** = nível semântico
- amarelo** = nível léxico-gramatical
- verde** = nível fono-grafológico

Martin e White (2005: 24-25) chamam atenção para mais um nível a ser levado em conta na concepção de instanciação do sistema, a saber: a interpretação do ouvinte/leitor. Acertadamente, eles apontam para a existência de potencial de

significado ('meaning potential') suficiente em um texto para dar origem a diferentes leituras; por esta razão eles defendem que a instanciação deve ser vista não como o texto em questão (nível de expressão), mas como suas possíveis leituras, isto é, como se houvesse ainda mais um nível – o nível da interpretação.

The ultimate instance is thus the reading which a text affords, not the text itself; and as discourse analysts we need to continually remind ourselves that our analyses are always socially positioned readings and that we need to declare our 'interests' as best as we can.²⁸

Em resumo, considerando-se o nível contextual da língua, foi colocado anteriormente que o significado constitui-se de 3 facetas: campo, relações e modo. No sistema semântico, estas facetas estão inter-relacionadas, respectivamente, às metafunções ideacional, interpessoal e textual. Já no sistema léxico-gramatical, a tríade é representada por Transitividade, Modo e Tema-Rema. Apesar de entender que todas estas dimensões estão inter-ligadas, nesta pesquisa vou aprofundar o estudo de uma dimensão em especial, com suas respectivas inter-relações com os diferentes sistemas: a metafunção interpessoal.

3.3 Metafunção Interpessoal

Tendo em vista a noção de alteridade de Bakhtin (1988), já mencionada anteriormente, evidencia-se que o ato de comunicar implica um enunciador e um interlocutor e está diretamente ligado à interação social. De tal modo, quando se pensa em comunicação, não se pode considerar somente o conteúdo da mensagem, mas também o seu aspecto interativo, ou seja, o fato de as pessoas se comunicarem com o objetivo de interagir em sociedade. Essas duas perspectivas complementares

²⁸ A instanciação final é, portanto, a leitura que um texto provoca, e não o texto propriamente dito. Como analistas do discurso, precisamos nos lembrar constantemente de que nossas análises são leituras com um posicionamento social e precisamos tentar, ao máximo, deixar este posicionamento claro

da comunicação – conteúdo e interação – podem ser identificadas respectivamente na lingüística sistêmico-funcional pelas metafunções ideacional e interpessoal.

Nesta pesquisa, vou concentrar-me no aspecto interpessoal das interações sociais e, portanto, abordando a metafunção interpessoal. Há três conceitos teóricos a ela relacionados na LSF, a saber: Modo Oracional, modalidade e metáfora interpessoal. Para esta pesquisa, concentro-me nos dois primeiros. Cabe aqui, então, um breve resumo dos mesmos.

3.3.1 Modo Oracional

Primeiramente é importante salientar a diferença entre dois termos em inglês que aparecem freqüentemente na teoria sistêmico-funcional e podem ser confundidos: ‘mood’ e ‘Mood’. O primeiro, sempre escrito em caixa baixa, refere-se a tipos de orações, ou seja, declarativa, interrogativa e imperativa. Já o segundo termo, sempre escrito com inicial maiúscula, refere-se ao conjunto de ‘sujeito’ e ‘finito’ (Thompson, 2004: 49). Em português, estes termos são traduzidos respectivamente como ‘modo verbal’ e ‘Modo Oracional’ segundo a lista de termos de LSF encontrada no site ²⁹ do programa de LAEL da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Cabe mencionar aqui que as traduções dos termos de sistêmica nesta tese seguem as sugestões da listagem mencionada acima.

O modo oracional é composto pelo Sujeito e o Finito (operador verbal) de uma oração. Segundo Thompson (2004: 52-54), o Sujeito é o elemento no Modo

29

http://www2.lael.pucsp.br/~tony/sistemica/termos/db.cgi?db=default&uid=default&view_records=1&ID=*&sb=2

Oracional que carrega o significado interpessoal da oração. Assim, uma mudança de sujeito implica uma nova mensagem.

The Subject is the entity [...] that the speaker wants to make responsible for the validity of the proposition being advanced in the clause. [...] the clause is 'about' the Subject from the interpersonal perspective.³⁰

Em outras palavras, a mensagem do autor do enunciado é validada através do posicionamento do sujeito, não importando se o leitor/ouvinte vai acatá-la como verdadeira ou não.

O mesmo autor (ibid) define a função do Finito como o meio pelo qual o leitor/ouvinte poderá questionar a validade da mensagem, por três perspectivas: tempo, polaridade (sim ou não) e modalidade. Abaixo coloco alguns exemplos ilustrativos dos parâmetros constitutivos do Finito (Cf. *Exemplo 1* a seguir) e como estes podem ajudar ao leitor/ouvinte a questionar a validade de um enunciado do escritor/falante.

Exemplo 1:

A: Vai chover logo mais. B: Já está chovendo.

(A idéia temporal de futuro expressa pelo Finito 'vai' no primeiro enunciado é questionada pelo segundo leitor/falante através do Finito 'está' que marca o tempo presente. Vale mencionar que o questionamento fica mais forte em função do uso do Adjunto Circunstancial 'já'.)

A: Você parece estar muito bem. B: Na realidade, não me sinto bem.

(O uso da partícula de polaridade negativa 'não' do Finito questiona a polaridade positiva do primeiro enunciado. Vale mencionar que o questionamento fica mais forte em função do uso do Adjunto Modal de Comentário 'Na realidade'.)

A: Você precisa levantar cedo amanhã? B: Não, mas gostaria muito.'

(O uso do operador modal 'precisa' no Finito do primeiro enunciado traz uma noção de obrigação, enquanto o uso do modal 'gostaria' no Finito do segundo enunciado denota 'desejo sem obrigação'. Atenção ao uso da palavra 'Não', que carrega polaridade negativa máxima.)

Em relação ao aspecto interpessoal, o Modo Oracional constitui a parte mais importante da oração, contudo vale mencionar os outros elementos funcionais

³⁰ O Sujeito é a entidade [...] que o falante deseja fazer responsável pela validade da proposição sendo feita no enunciado. [...] na perspectiva interpessoal, o enunciado é 'sobre' o Sujeito.

presentes no restante da oração, denominado de Resíduo, a saber: Predicador, Complemento e Adjunto. A Figura 3.2 abaixo mostra um quadro resumo.

Modo Oracional	Sujeito		
	Finito		
Resíduo	Predicador		
	Complemento		
	Adjunto	Circunstancial	
		Conjuntivo	
		Modal ³¹	De Comentário
De Modo			

Figura 3.2 – Quadro resumo dos componentes do Modo Oracional

Primeiramente, o ‘Predicador’ é constituído pelo resto da locução verbal, ou seja, sem o Finito (*Exemplo 2*, abaixo). Ele traz informações sobre o processo, tais como: tempo secundário; aspecto verbal; e voz (passiva ou ativa). Já o ‘Complemento’ (*Exemplo 3*, abaixo) é geralmente representado na oração por um sintagma nominal e pode virar Sujeito. Finalmente, o ‘Adjunto’ não pode assumir a função de Sujeito, visto que é representado por um advérbio/uma locução adverbial ou locução preposicional. Há três tipos de Adjuntos – Circunstancial (*Exemplos 2, 3 e 4*, abaixo), Conjuntivo (*Exemplo 3*, abaixo) e Modal (*Exemplo 5*, abaixo) – e carregam respectivamente significado ideacional, textual e interpessoal.

Exemplo 2:

	Vai	chover	logo mais.
Sujeito	Finito (futuro)	Predicador	Adjunto (Circunstancial)
Modo Oracional		Resíduo	

³¹ Apesar de os Adjuntos Modais serem considerados elementos do Resíduo, Thompson (2004: 65) esclarece que em análises lingüísticas do tipo Modo Oracional – Resíduo, estes Adjuntos aparecerão como parte do Modo Oracional. Este ponto é ilustrado nos exemplos 6 e 7. Esta colocação ajuda a entender que dentre os elementos do Resíduo, estes dois são aqueles que carregam significado interpessoal.

Exemplo 3:

Portanto	para esta pesquisa	o Adjunto Modal		é	o mais importante.
Adjunto (Conjuntivo)	Adjunto (Circunstancial)	Sujeito	Finito (presente)	Predicador	Complemento
Resíduo		Modo Oracional		Resíduo	

Exemplo 4:

Você	precisa	levantar	cedo	amanhã.
Sujeito	Finito (modalidade)	Predicador	Adjunto (Circunstancial)	Adjunto (Circunstancial)
Modo Oracional		Resíduo		

Exemplo 5:

Sem dúvida	estes conceitos		são	a base da teoria.
Adjunto (Modal)	Sujeito	Finito (presente)	Predicador	Complemento
Modo Oracional			Resíduo	

Há dois tipos de Adjunto Modal, a saber: Adjunto (Modal) de Comentário (*Exemplo 6*, a seguir) e Adjunto (Modal) de Modo ('Mood adjunct') (*Exemplos 6 e 7*, a seguir). A diferença básica entre os dois é que o primeiro consiste em um comentário sobre a oração como um todo, evidenciando a atitude do falante sobre a proposição, enquanto o segundo está mais ligado ao Finito. Outras diferenças podem ser apontadas, a saber: o Adjunto de Comentário geralmente aparece separado por vírgulas na oração; o Adjunto de Modo contém significado relacionado a tempo, polaridade ou modalidade (uma vez que está relacionado ao finito); e o Adjunto de Modo faz parte da estrutura do Modo Oracional.

Para esta pesquisa, dentre os elementos constitutivos do Modo Oracional, o Sujeito e o Adjunto de Comentário são os elementos mais relevantes por carregarem o significado interpessoal de maneira mais evidente. O Finito e Adjunto de Modo também podem carregar significado interpessoal quando estiverem ligados à modalidade.

Os *Exemplos 6 e 7* a seguir elucidam a diferença mencionada acima. Percebe-se que a palavra 'nunca' nos dois casos faz parte do Modo Oracional e carrega valor temporal e polaridade negativa – trata-se, portanto, de um Adjunto de Modo. Já a

palavra ‘felizmente’ no primeiro exemplo funciona como um comentário sobre o enunciado como um todo, portanto é um Adjunto de Comentário.

Exemplo 6:

Felizmente,	ela	nunca	precisará	saber	toda a verdade.
Adjunto (Modal) de Comentário	Sujeito	Adjunto (Modal) de Modo	Finito (modalidade e tempo)	Predicador	Complemento
Modo Oracional				Resíduo	

Exemplo 7:

Ela	nunca	vai	perdoar	o irmão	pela traição.
Sujeito	Adjunto (Modal) de Modo	Finito	Predicador	Complemento	Adjunto Circunstancial
Modo Oracional			Resíduo		

3.3.2 Modalidade

Como dito anteriormente, o Finito pode trazer informação sobre tempo verbal, polaridade e modalidade. Dentre estas três possibilidades, talvez a mais importante para a perspectiva interpessoal da linguagem adotada nesta pesquisa seja a modalidade, visto que esta representa a atitude do falante/escritor. Para entender um pouco melhor o conceito de modalidade, pode-se partir da noção de polaridade, ou seja, dos extremos ‘sim’ e ‘não’. Segundo Thompson (2004: 66), a modalidade ocupa o espaço entre um contínuo com extremidades representadas respectivamente pelo sim e pelo não. Por exemplo, quando se fala ‘*Paula deve chegar a qualquer momento*’, percebe-se que não há uma certeza absoluta de que Paula vai chegar logo, mas, ao se pensar no contínuo sim-não, este enunciado está mais próximo do extremo positivo do que do negativo. Por outro lado, percebe-se também que o autor está se posicionando em relação à mensagem, mas não assumiu total responsabilidade pela validade da mesma - há um quê de dúvida no ar, mesmo que pequeno.

Essa noção de responsabilidade é tão importante que é interessante visitar uma definição de modalidade fornecida por Halliday (1994: 75):

Modality means the speaker's judgement of the probabilities, or the obligations, involved in what he is saying. A proposition may become arguable by being presented as likely or unlikely, desirable or undesirable – in other words, its relevance specified in modal terms.³²

Assim sendo, duas noções são importantes para o entendimento do conceito de modalidade, a saber: compromisso e responsabilidade. Quando um falante/escritor expressa sua atitude em relação a uma mensagem através de modalidade, ele pode demonstrar mais ou menos compromisso no tocante à validade da mensagem que está veiculando e mais ou menos responsabilidade pela atitude que está assumindo em relação à mensagem. A estrutura da língua permite ao autor de um enunciado tornar estes conceitos (compromisso e responsabilidade) implícitos ou explícitos, dependendo de sua intenção.

É importante mencionar que há dois tipos de modalidade reconhecidos pela LSF: 'modalização' e 'modulação'. Para identificar os tipos de modalidade, é necessário primeiro perceber qual é a função discursiva do enunciado em questão. O primeiro tipo de modalidade - modalização - é encontrado em enunciados com função discursiva de troca de informação, enquanto o segundo tipo - modulação - encontra-se em enunciados visando troca de produtos ou serviços. Portanto, modalização está relacionada à validade da informação sendo trocada. Já modulação traduz-se na maior ou menor certeza do autor do enunciado em relação à concretização da troca de produtos ou serviços propostos. Por exemplo, o enunciado *Parece que vai chover mais tarde* tem a função discursiva de troca de informação, na realidade uma declaração, onde o uso de '*parece*' traz uma modalização positiva em relação à mensagem. Por outro lado, o enunciado *Você pode dormir no sofá se não quiser dirigir* representa uma troca, na realidade uma oferta de serviço, onde o uso de '*poder*' implica uma modulação.

³² Modalidade pode ser entendida como o julgamento feito pelo falante a respeito das probabilidades, ou obrigações relacionadas com o que está dizendo. Uma proposição pode se tornar discutível por ter sido apresentada como provável ou improvável; desejável ou indesejável – em outras palavras, sua relevância especificada em termos modais.

Cada tipo de modalidade se subdivide em duas categorias. Assim, modalização contém as categorias ‘probabilidade’ e ‘habitualidade’, que representam, respectivamente, o quão provável de ser verdadeira a informação sendo trocada é e a frequência com que ela é verdadeira. Dessa forma, o enunciado acima *Parece que vai chover mais tarde* encaixa-se na categoria de ‘probabilidade’, enquanto *Sempre chove no Dia de Finados* se enquadra na categoria de ‘habitualidade’. Já as categorias de modulação são denominadas ‘obrigação’ e ‘inclinação’, dependendo, respectivamente, de quão obrigado ou inclinado o ouvinte/leitor se sente para desempenhar a troca de produtos ou serviços. Portanto, o enunciado *Você pode dormir no sofá se não quiser dirigir* encaixa-se na categoria de ‘obrigação’, sendo que esse enunciado tende mais para o lado negativo entre + obrigação e – obrigação, pelo uso de ‘*poder*’ ao invés de ‘*ter que*’ e pela adição de ‘*se quiser*’. Um exemplo da categoria de ‘inclinação’ seria o enunciado *Você me emprestaria seu carro hoje à noite?*, onde procura-se verificar o quão inclinado a emprestar o seu carro o leitor/ouvinte estaria. A Figura 3.3 traz um quadro resumo do conceito de modalidade e suas categorias de classificação.

TIPO DE MODALIDADE	FUNÇÃO DISCURSIVA	CATEGORIAS
Modalização	troca de informação	probabilidade
		habitualidade
Modulação	troca de produtos e serviços	obrigação
		inclinação

Figura 3.3 – Quadro resumo do conceito de Modalidade